

RUA DJANIRA DA MORA E SILVA

Lei nº 6590 de 28-08-1991, Artigo 2º, Inciso II Formada pela rua 37 do Conjunto Habitacional "Monsenhor Luis Fernandes de Abreu" - DIC I.

Início na rua Luiz Pereira de Lima

Término na rua Profa. Glafira Aparecida Rosa de

Faria

Conjunto Habitacional "Mons. Luis Fernandes de

Abreu" - DIC I

Obs.: Lei sancionada e promulgada pelo Prefeito Jacó Bittar. Projeto de lei 141/91. Processo 56.195.

DJANIRA DA MOTA E SILVA

Djanira da Mota e Silva nasceu em Avaré, Estado de São Paulo, em 1914, e faleceu no Rio de Janeiro, a 31-maio-1979. De origem humilde, foi eleita comendadora do Vaticano, pelo Papa Paulo VI, em 1973. Djanira teve a vida tumultuada e gloriosa: foi pobre, teve seu visto de entrada nos Estados Unidos negado, foi presa, discutiu e brigou judicialmente com um delegado de polícia, viu seus quadros falsificados e foi enterrada como quiz: descalça e com o hábito das Irmãs Carmelitas, pois desde 1972, era a Irmã Tereza do Divino Amor, título que recebeu ao ser abençoada como irmã da Ordem Terceira Carmelitana de Santa Tereza, do Rio de Janeiro. Passou parte da infancia em Porto União, em Santa Catarina, voltando a sua terra natal aos 16 anos. Casou-se e mudou-se para o Rio de Janeiro. Doente, passou grande temporada em Campos do Jordão, onde começou a pintar. Recebeu aulas do pintor romeno Emeric Mercier. Sua primeira exposição foi coletiva, no Salão Nacional de Belas Artes, em 1942. Nesse Salão, no ano seguinte receberia menção honrosa, em 1944, medalha de bronze, em 1950, medalha de prata. Sua primeira mostra individual realizou na Associação Brasileira de Imprensa. Participou da Mostra de Pintores Brasileiros, em Londres, e também esteve na Exposição Itinerante "20 Artistas Brasileiros", que percorreu a Argentina, Uruguai e Chile. Em 1945 foi aos Estados Unidos. No ano seguinte tomou parte na "Exposição Internacional da Unesco", no Museu de Arte Moderna de Paris e expôs individualmente na União Pan-Americana, em Washington. Participou de mais de uma dezena de exposição, individuais e coletivas no Brasil e no exterior, fazendo jus a menções e medalhas. Ainda pequena seus pais a internaram num colégio em Porto União, cidade na fronteira de Santa Catarina e Paraná e só muitos anos depois soube porque a expulsaram do colégio: seus pais haviam se separado. Acolhida pela família Matoso morou em Porto União até aos 14 anos. Voltando para Avaré, ali ficou alguns meses, mudando-se para São Paulo, a fim de ganhar a vida. Morou num quarto de pensão, trabalhou como corretora de vendas, limpadora de máquinas, fazendo qualquer serviço. Esteve tuberculosa e depois foi morar em Santa Tereza, onde montou uma pensão e passou a trabalhar como costureira. Ali fez-se pintora, transformando-se na grande dama da pintura do Brasil.

LEI Nº 6590 DE 28 DE AGOSTO DE 1991

DENOMINA VIAS E PRAÇAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

PROCESSO Nº 141/91
P. L.

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Ficam denominadas as seguintes vias e praças públicas do Conjunto Habitacional Lech Walesa (DIC IV) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "IBRANTINA CARDONA", a Rua 14, com início na Rua 12 e término na divisa do loteamento.

II - Rua "CARMEM DE ÂNGELIS NICOLETTI", a Rua 12, com início na Rua 16 e término na divisa do loteamento.

III - Rua "ANÁLIA FRANCO", a Rua 1, com início na divisa sudoeste e término na divisa norte do loteamento.

IV - Rua "CHIQUINHA GONZAGA", a Rua 2, com início na divisa sudoeste e término na divisa noroeste do loteamento.

V - Rua "APOLÔNIA PINTO", a Rua 6, com início na Rua 17 e término na divisa do loteamento.

VI - Rua "ITÁLIA FAUSTA", a Rua 7, com início na Rua 17 e término na divisa sudoeste do loteamento.

VII - Rua "CECÍLIA MEIRELES", a Rua 8, com início na Rua 17 e término na divisa norte do loteamento.

VIII - Rua "BÁRBARA HELIODORA", a Rua 10, com início na Rua 16 e término na divisa sul do loteamento.

IX - Rua "FRANCISCA JÚLIA DA SILVA", a Rua 11 com início na Rua 15 e término na Rua 13 do loteamento.

X - Rua "MARIA DOLORES", a Rua 16, com início na Rua 17 à altura das divisas dos lotes 24 e 25 da quadra "O" e término na Rua 12 do loteamento.

XI - Rua "COLOMBINA", a Rua 21, com início na Rua 1 e término na Rua 02 do loteamento.

XII - Rua "ANITA MALFATTI", a Rua 22, com início na Rua 1 e término na Rua 2 do loteamento.

XIII - Rua "JANETE CLAIR", a Rua 23, com início na Rua 1 e término na divisa oeste do loteamento.

XIV - Praça "BERTA LUZ", a praça 1, com frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XV - Praça "AUTA DE SOUZA", a praça 2, formada pelo contorno das Ruas 1 e 23 do loteamento.

XVI - Praça "CONCHITA DE MORAIS", a praça 3, com sua frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XVII - Praça "GILDA DE ABREU", a praça 4, formada pelo contorno das Ruas 10 e 16 do loteamento.

XVIII - Praça "DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ", a praça 5 formada pelo contorno das Ruas 10, 16 e 17 do loteamento.

Artigo 2º - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Conjunto Habitacional Mons. Luis Fernandes de Abreu (DIC I) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "ADALGIZA NERY", a Rua 35, com início na Rua 49 e término na Rua 53 do loteamento.

II - Rua "DJANIRA DA MORA E SILVA", a Rua 37, com início na Rua 47 e término na Rua 52 do loteamento.

III - Rua "TARSILA DO AMARAL" a Rua 44 com início na Rua 33 do loteamento, e término na Rua 7 do Jardim Melina.

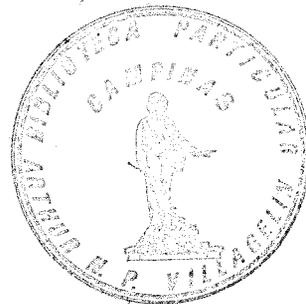
IV - Rua "CACILDA BECKER", a Rua 53, com início na Rua Nelson Barbosa da Silva e término na divisa sul do loteamento.

Artigo 3º - Fica denominada Praça "CARMEN CINIRA", a Praça 1 do loteamento Chácara Cnêo formada pelo contorno das Ruas João Alfredo Wilson da Costa e Prof. Jorge Leme do mesmo loteamento.

Artigo 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 28 de agosto de 1991

JACÓ BITTAR
Prefeito Municipal





DJANIRA

□ *Djanira da Mora e Silva nasceu em Avaré, São Paulo, em 1914, e morreu no Rio de Janeiro a 31 de maio de 1979.*

Pintora, um dos nomes mais importantes da arte contemporânea brasileira. Também desenhista e gravadora.



Nascida em Avaré, muito cedo mudou-se para Santa Catarina. Passou a infância na cidade de Porto União, em pleno contato com o meio rural. Voltou à cidade natal com 15 anos. Casou-se e mudou para o Rio de Janeiro. Doente, passou grande tem-

porada num sanatório de Campos do Jordão. Foi quando começou a pintar, autodidaticamente. Encontrando-se com Marcier, recebeu aulas durante 5 meses, aos 26 anos de idade. Sua primeira exposição foi coletiva, no Salão Nacional de Belas-Artes; em 1942. No ano seguinte, o mesmo salão lhe daria menção honrosa, ao mesmo tempo que ela realizava sua primeira mostra individual, na Associação Brasileira de Imprensa.

Em 1944, medalha de bronze no Salão Nacional de Belas-Artes; exposição individual no Instituto dos Arquitetos, participação da Mostra de Pintores Brasileiros em Londres. Esteve também na Exposição Itinerante 20 Artistas Brasileiros que percorreu Argentina, Uruguai e Chile. Foi aos Estados Unidos em 1945. No ano seguinte tomou parte na *Exposição Internacional da Unesco*, no Museu de Arte Moderna de Paris e expôs individualmente na União Pan-Americana, em Washington. Nova individual, no Rio, em 1948, no Ministério de Educação e Saúde. Em 1949, Medalha de Bronze no Salão da Prefeitura do antigo Distrito Federal e individual no Museu Imperial de Petrópolis. Em 1950, o Salão Nacional de Belas-Artes lhe deu a Medalha de Prata. Em 1951, pequena Medalha de Ouro no Salão Paulista de Arte Moderna. Em 1952, recebeu o prêmio Viagem ao País no Salão Nacional de Arte Moderna.

Participou da Bienal de São Paulo em 1958. Em 1955, tomou parte no Salão Nacional de Arte Moderna, ganhou o primeiro prêmio de pintura do Salão do Cristo Negro e esteve na *Exposição de Artistas Brasileiros de Paris*. 1956, Salão Nacional de Arte Moderna. Em 1957, salão *Arte Moderna no Brasil* que percorreu Buenos Aires, Rosário, Santiago do

Chile e Lima. Também no Salão Nacional de Arte Moderna. Outra vez o mesmo salão em 1958. Neste ano, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro organizou uma retrospectiva de sua obra. Esteve também na Exposição Internacional do Prêmio Guggenheim, em New York. Em 1960, *Trinta Anos de Pintura Brasileira*, na Galeria Macunaima. Em 1961, *O Rosto e a Obra*, na Galeria IBEU, Rio, e uma individual na Galeria Bonino. Em 1967, novamente o MAM do Rio organizou a segunda retrospectiva de sua obra. Djanira é uma pintora realista. Seus quadros têm algo de primitivismo, dentro de uma técnica apuradíssima. Seus temas são as pessoas simples, o meio rural, os costumes populares, as festas típicas. Nos últimos anos de sua vida, Djanira morou em Parati, que aproveitou como tema.

Morreu Djanira, a grande dama da pintura brasileira

310579

Rio — Djanira da Mota e Silva, a pintora Djanira, a grande dama da pintura do Brasil, segundo os críticos, morreu ontem, de madrugada de parada cardíaca aos 65 anos no Hospital Silvestre, no Rio, onde fora internada no início da semana. Djanira, que na mocidade foi tuberculosa, era diabética, sofrera cerca de vinte operações, duas delas no coração em 1975, há quarenta anos vinha vencendo a morte. Era casada com o crítico José da Mota e Silva e não tinha filhos. O enterro será hoje cedo no cemitério Jardim da Saudade, no Rio. Seu último desejo era ser enterrada descalça com o hábito das Carmelitas, que recebeu em 1972.

Djanira Mota da Silva, (Djanira Job Pliger Paiva) nascida em 1914, em Avaré, região cafeeira do Estado de São Paulo, foi levada ainda criança para a cidade de Porto União, na divisa do Estado do Paraná e Santa Catarina, onde cresceu em contato com a natureza e o trabalho rural. Em 1930, retorna a Avaré e pouco tempo depois casa-se, indo residir no Rio de Janeiro.

Desde os 18 anos no Rio de Janeiro, antes de dedicar-se inteiramente a pintura, Djanira foi dona de pensão e costureira. Seu encontro definitivo com as artes ocorreu quando doente, internada em São José dos Campos, ocasião em que era obrigada a entreter-se no repouso a que se via obrigada a cumprir. Seu primeiro desenho, segundo se registra, foi um cristo na cruz, que ela conservou até o fim de sua vida.

Quando dona de pensão, no bairro de Santa Teresa, no Rio, as paredes de seu quarto eram cobertas de desenhos feitos de memória, das coisas que mais a impressionavam. O pintor romeno Emeric Macier, seu hóspede, impressionado com seu talento, ofereceu-se para ser seu professor durante cinco meses, mas depois disso ela preferiu seguir seu caminho sozinha. Construindo rapidamente sua carreira, estreou em 1942 no Salão de Belas Artes, expondo a primeira fase de sua vida artística com os quadros Passo do Aieijadinho, Crucificação, Capela do Padre Faria, Crianças na Neve, Crianças na Varanda. Entre 1945 e 1947 esteve nos Estados Unidos, quando aproveitou a oportunidade para em contatos com grandes mestres internacionais, fazer evoluir sua pintura. Quando voltou, passou a realizar constantes viagens pelo Brasil, a procura de temas para suas obras. Em 1950 já era uma pintora consagrada.

Nenhum outro artista nacional terá fixado melhor do que ela a fisionomia do Brasil e dos brasileiros — registram os críticos da obra de Djanira, Camponeses, pescadores, vaqueiros, o operários, índios, negros, mulatos e brancos são

as personagens de sua obra, povoada também as vezes por santos católicos e orixás africanos. Dela disse a estudiosa Thereza Cesario Alvim: uma artista, a vida inteira, apaixonada por um único tema: o Brasil.

Sou essencialmente formalista em pintura — disse certa vez Djanira — parto para esse formalismo da realidade por mim vivida, sentida, absorvida. E esta realidade é o Brasil, é a minha geografia, que as viagens ao estrangeiro não destruíram. Refiro-me a realidade num sentido amplo: local, universal, político, social e até abstrato. Como as cores, a realidade é um sem fim.

Djanira definiu a pintura dizendo que não é uma palavra abstrata, ao sabor de momentâneas inspirações. É lealdade social, é compromisso. Para ela, inspiração não é método de trabalho. Estimo a técnica que se usa num quadro, gozando atividade silenciosa, dá luta íntima frente a vida. E lembrou que a arte

brasileira, quando comecei a pintar, ainda tinha muito de uma natureza morta francesa. De soneto difícil de ser traduzido'.

Djanira, neta de índio e filha de austríaca, também foi seduzida pelas cidades coloniais e pelas variadas paisagens que visitou pelo país, como as do Maranhão, Santa Catarina, as praias do litoral fluminense e as montanhas de Minas Gerais. Parte do que realizou em quarenta anos de carreira pode ser apreciado recentemente numa pequena retrospectiva do Museu de Belas Artes do Rio: 122 pinturas, 70 desenhos e gravuras, uma tapeçaria cronologicamente dispostos em nove amplas salas.

O que ela pinta é sincero, profundamente sentido — disse o crítico Roberto Alves Correa — e denota tendências líricas invulgares. E há poesia em sua arte, algo de verdadeiro que comve e externa a realidade da alma. De suas realizações depreende-se algo incorrupto, cândido e justo.

"DIÁRIO DO POVO" DE CAMPINAS
DE 01-JUNHO-1979

